

CLÁUDIA BERNAL

1. Por que escolheu a química?

Tenho que voltar lá para o segundo grau. Eu sou de 68. Naquela época não existia o que existe hoje em termos de auxílio para nos direcionar nas profissões, como testes vocacionais. Eu estudei em colégio público e não tive muito auxílio na escolha da profissão. Então, a gente ia muito pelo que o professor dava em sala de aula, se a gente se identificava mais com aquela matéria ou de se de alguma forma a gente gostava daquilo ali pela gente mesmo. Eu lembro que meu primeiro contato com química foi no segundo grau (atual ensino médio) e foi pelo professor mesmo. Professores que deixavam a matéria mais entendível, eram mais solícitos, era uma identificação nesse sentido. Aí, quando eu fui prestar o vestibular, tinha outro detalhe também. Eu vim de escola pública, sem condição de pagar uma boa universidade particular como PUC ou Mackenzie. Eu tinha que fazer uma universidade pública. Pensei: "nossa, eu tenho que prestar algum curso do qual eu goste e que eu consiga passar também". Química não é um curso tão difícil de passar, é, sim, difícil de sair. Então, eu pensei: "se eu fizer química, eu tenho uma oportunidade de trabalhar em uma indústria, eu gosto por causa do colegial/ensino médio e eu acho que eu consigo passar". Eu me identifiquei no colegial por causa de professor mesmo, a facilidade maior no vestibular para mim e no futuro tentar uma vaga em uma indústria para ter um emprego. Foram esses três pontos, mas ainda mais o professor do colegial.

2. Qual foi a sua trajetória?

Eu sou de São Paulo, fiz colegial lá. Prestei química, vim parar aqui. Terminei o curso. Voltei para São Paulo, falei: "não vou fazer mestrado e doutorado", para não depender da bolsa. Eu, por exemplo, tive bolsa de iniciação científica como você. Naquela época, eu decidi que não ia fazer mestrado e doutorado, porque eu queria trabalhar em indústria, eu não queria fazer a carreira acadêmica ou pensar em um concurso, pensei que iria demorar muito. Aí eu voltei para São Paulo, voltei para a casa da minha mãe e não arrumei emprego. Não tinha experiência. Fiquei sabendo de uma bolsa da Fundap, que era uma bolsa para pessoas formadas. Ela era ligada ao Instituto Adolfo Lutz; me inscrevi. Isso foi um ano depois que me formei. Eu consegui entrar no Instituto Adolfo Lutz e fiquei lá por 2 anos. A bolsa não era muito

grande, mas ao mesmo tempo conseguia dar aulas e tive uma ótima experiência, porque eu passei em todos os laboratórios: laboratório de água, laboratório de alimentos, laboratórios biológicos. Então foi excelente. Nos laboratórios havia pessoas com mestrado, doutorado, e eu pensei "nossa, acho que eu vou ter que estudar mais". Depois de dois anos terminou a bolsa, eu voltei para São Carlos para estudar, morei na casa de uma amiga e prestei o mestrado na Federal sob orientação do professor Éder, que era professor lá. A gente se conhecia, porque na época que eu fazia graduação, ele fazia doutorado. Terminei o mestrado lá, comecei o doutorado com ele também. Só que aí, nesse mestrado e doutorado, eu me casei e meu marido é daqui de São Carlos, ele trabalha aqui em São Carlos. E aí eu falei "nossa, eu tenho que ficar em São Carlos". Nessa época do mestrado e doutorado, as pessoas terminavam a pós e começavam a prestar concurso, começou a dar o "boom dos concursos" no Brasil inteiro. E os alunos saíam de São Carlos e de São Paulo, iam para outros estados. E eu não podia ir, meu marido é daqui, o trabalho dele é aqui, não havia meios de eu ir para outro estado. Então, eu pensei assim: "eu tenho que me virar, eu tenho que achar alguma coisa aqui em São Carlos, para eu me fixar aqui, ter minha renda aqui". Foi quando surgiu o concurso, que é o concurso de técnico aqui na química na USP. Acho que foi 2001 ou 2000. Eu prestei, eu acho que peguei em terceiro lugar, tinha duas vagas e eu não entrei de início. Eles me chamaram depois, dali a seis meses. Vim para o laboratório da Professora Janice, hoje ela já está aposentada, eu comecei a trabalhar com ela. Parei o doutorado e vim trabalhar na USP. Fiquei trabalhando com a Professora Janice, com cultura de células de mamíferos e foi outro aprendizado. Foi muito legal. E eu tive que aprender muito, fui fazer curso em São Paulo, mas foi muito legal. E por volta de 2010, eu prestei o doutorado com ela. Aí eu fiz o doutorado no laboratório em que eu trabalhava e terminei o doutorado com ela. Há 4 anos, a Professora Janice já estava próxima da aposentadoria dela, eu mudei de laboratório, mudei de grupo de pesquisa. Eu fui para o grupo do professor Emanuel Carrilho, ele não tinha técnico de laboratório, aí eu conversei com ele, ele falou que a gente podia trabalhar junto. E faz 4 anos que eu estou no grupo BioMicS, que é o grupo coordenado pelo Professor Emanuel. Eu terminei o doutorado com a Professora Janice, depois que eu mudei de grupo. E tem mais um detalhe, mais uma loucura que esqueci. Antes de eu passar no concurso, eu estava ainda lá na Federal e o nosso curso de graduação aqui da química, não tem o curso de licenciatura. Você sai ou bacharel ou tecnológico, não tem a licenciatura. E

eu sempre gostei de dar aula. E para me fixar em São Carlos, eu poderia ministrar aulas no nível médio. Eu precisava fazer a licenciatura. E aí nessa vontade que eu tinha de fazer licenciatura surgiu o curso noturno de licenciatura em Química, na Federal. O primeiro ano dele foi em 2000, eu fui da primeira turma. Eu fiz o curso à noite, terminei a licenciatura, trabalhava de manhã e estudava à noite: fui da primeira turma de lá.

3. Qual sua contribuição para o IQSC ser o que é hoje?

Ao mesmo tempo que a gente acha que é super importante, a gente acha que também não é importante em nada. Eu fiquei 18 anos trabalhando com a Professora Janice, o laboratório, para mim, era como uma extensão da minha casa. Eu tinha carinho pelo grupo e pelo laboratório, ciúmes, se o aluno fizesse alguma coisa de errado. Eu às vezes acho que até atrapalhava nesse sentido, que eu tinha um ciúme, um cuidado. Então, eu acho que a minha contribuição foi essa. Eu cuidava daquilo como se fosse a extensão da minha casa. E quando você cuida com muito carinho, com muito cuidado, seja dos experimentos, seja dos equipamentos (aparelhos, vidrarias), isso dura muito mais. Então, se forem perguntar de mim à professora Janice, eu acho que ela vai falar isso, que eu tinha muito cuidado, muito carinho. Eu cuidava de tudo, entrava no laboratório, eu arrumava tudo. Aí eu recebia os alunos, todos os alunos que passaram por lá aprenderam a trabalhar com células, cultivo de células, de bactérias. A gente também fazia os ensaios de bancada, de laboratório, mas isso eles já tinham mais conhecimento, já que eram alunos de mestrado e doutorado. Então, eu treinei todos, foi uma geração de pessoas que hoje são professores. Tem até uma história da professora Tânia, que é uma professora no Paraná e ela veio fazer doutorado para ela montar um grupo de pesquisa nessa área e ela aprendeu tudo com a gente. Não estou dizendo comigo só, com a professora Janice, professor Hidetake, que também era do grupo. Ela montou um grupo de pesquisa, com o que aprendeu no nosso grupo. Então, acho que é isso. A minha contribuição foi cuidar do nosso laboratório e espalhar o conhecimento. Eu acho que a minha contribuição foi essa.

4. Qual a contribuição do IQSC na pessoa que você se tornou?

Essa USP aí é uma mãe. Ela forma gente. Ela abraça qualquer um que entra no vestibular. Ela te dá todas as condições para estudar, você tem uma biblioteca

gigantesca, você tem professores que te ajudam, são 4 anos na transformação. Se você for se comparar com o que você era quando entra e o que você é quando sai, é gigantesca a transformação intelectual, a transformação como ser humano em todos os sentidos. E a partir do momento em que eu entrei para trabalhar, a USP me deu toda a condição de eu entrar em um grupo de pesquisa onde eu ia trabalhar, ela deu a condição de eu me treinar, de eu ir para São Paulo, adquirir conhecimento, para eu conseguir fazer o meu melhor no trabalho. Me deu condições de dentro do laboratório, eu poder fazer não só o que era exigido de mim, mas eu contribuir do meu jeito também. A USP nos dá acesso a quase todas as publicações do mundo que você quiser. Se você quiser ficar estudando infinitamente, você fica, se aprimorando como pessoa e como profissional, o que é ótimo. Vou falar para você em pandemia. Desde o primeiro dia da quarentena, a USP nos permitiu trabalhar em home office; não nos colocou em situação de perigo. Um ano e seis meses sem atrasar o salário, sem atrasar benefício. A gente está em casa, trabalhando em segurança. Isso foi muito importante também. Às vezes eu penso assim: "em qual lugar que eu estaria na mesma condição?". Então eu devo muito à USP. Eu acho que depois dessa pandemia, eu tenho que voltar e fazer com que o laboratório funcione melhor ainda. É o que eu penso. É como vou agir. Então, eu acho que é tudo isso, eu acho que a USP transforma a vida de todo mundo e quem continua lá dentro só vai melhorando. Em termos de conhecimento é infinito.

5. Como você se imagina fora do IQSC?

Eu me imagino, penso isso sim. Eu tenho 53 anos e meu marido me pergunta se vou me aposentar, eu falo que eu não quero me aposentar. Eu acho que se eu sair da USP, eu vou parar no tempo, porque a tecnologia, as coisas, elas vão mudando muito rápido. E se a gente estiver fora desse meio, a gente trava, a gente volta para trás. Então meu medo é isso. Eu fico meio com medo de ficar longe da tecnologia. De eu travar, de eu regredir como pessoa. Mas ao mesmo tempo, quando a gente vai ficando mais velha, as forças físicas diminuem. Mas, por enquanto é isso, eu penso que se eu ficar fora da universidade, eu vou regredir muito. Hoje eu acho que regrido.

Entrevista concedida a Igor Augusto Vieira (Bolsista PUB/CCEEx), no dia 25 de agosto de 2021 às 16h30min.